

O envelhecer feminino e feminista nas redes sociais digitais

Angela Virgínia Brito Ximenes

(Universidade de Coimbra)

(angelaximenes67@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1249-2172>

Angela Virgínia Brito Ximenes: Doutoranda em Estudos Feministas pela Universidade de Coimbra (Portugal). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador. Graduada em Ciências Econômicas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Graduada em Direito pela Universidade Católica do Salvador (UCSAL). Áreas de interesse: Estudos feministas, violências de gênero, velhices, cursos da vida e comunicação digital.

Submissão: 01/09/2024

Aceitação: 28/10/2024

O envelhecer feminino e feminista nas redes sociais digitais

Resumo: Os avanços tecnológicos das últimas décadas impulsionaram novas práticas de comunicação, especialmente nas redes sociais digitais, onde são produzidos e compartilhados discursos sobre os mais diversos temas. O Instagram, em particular, destaca-se como uma importante ferramenta de comunicação, que reflete e influencia mudanças sociais, políticas e econômicas na vida cotidiana, podendo ser validado como a *ágora* contemporânea. Dentro desse ecossistema midiático consolidado, emergem debates sobre representações e agenciamentos coletivos que impactam diretamente as mulheres, demonstrando como as agendas feministas e femininas ampliaram suas vozes e espaços de ocupação. A relevância deste estudo reside tanto na histórica falta de olhares feministas sobre as atitudes etárias enfrentadas no envelhecimento feminino, quanto na compreensão de que as redes sociais digitais funcionam como um *ethos* propício ao ativismo identitário e ao exercício da cidadania.

Palavras-chave: Idadismo; Comunicação Digital; Envelhecimento; Feminismo; Ressignificação.

Feminine and feminist aging on digital social networks

Abstract: Technological advances in recent decades have boosted new communication practices, especially on digital social networks, where discourses on the most diverse topics are produced and shared. Instagram, in particular, stands out as an important communication tool, which reflects and influences social, political and economic changes in everyday life, and can be validated as the contemporary agora. Within this consolidated media ecosystem, debates emerge about representations and collective agencies that directly impact women, demonstrating how feminist and feminine agendas have expanded their voices and spaces of occupation. The relevance of this study lies both in the historical lack of feminist perspectives on age attitudes faced in female aging, and in the understanding that digital social networks function as an ethos conducive to identity activism and the exercise of citizenship.

Keywords: Ageism; Digital Communication; Aging; Feminism; Reframing.

Introdução

O conceito de ageísmo, introduzido pelo gerontólogo americano Robert Neil Butler (1927–2010) em 1969, continua relevante, no tempo presente, em virtude das suas persistentes manifestações e consequências sociais. Essa forma de discriminação, também conhecida como idadismo ou velhismo¹, baseia-se na idade cronológica e ocorre quando a idade se torna o fator determinante em decisões e comportamentos, perpetuando estereótipos prejudiciais. Os impactos do preconceito etário são tão nocivos quanto os das discriminações raciais e de gênero, limitando o potencial econômico, político e social das pessoas idosas, ao perpetuar estruturas de poder opressivas (Butler, 1969; Ayalon & Tesch-Römer, 2018).

Desde 1950, as transformações nas pirâmides etárias globais apontam para um aumento expressivo da longevidade, evidenciando a feminização da velhice — um fenômeno em que as mulheres tendem a viver mais do que os homens, mas enfrentam condições mais adversas devido às interseções de idade e gênero nas dinâmicas de poder (Sousa *et al*, 2018; Collins & Bilge, 2020). A promoção de novas representações para as mulheres idosas está em consonância com as teorias feministas, como destaca Harding (1993, p. 9)²: “Cada desafio relaciona-se com o uso ativo da teoria para nossa própria transformação e a das relações sociais.” O envelhecimento é um processo cultural e socialmente construído, inserido em um contexto histórico específico e moldado por representações sociais (Lima & Viegas, 1988; Calasanti, 2003). Essa compreensão revela a importância de estabelecer novos paradigmas para o feminismo na reconfiguração do envelhecer feminino na construção identitária e nas relações interpessoais.

A comunicação, entendida como a transmissão de influências entre diferentes partes de um sistema vivo ou maquinal, capaz de gerar uma mudança no contexto (Santaella, 2001), assume um papel central na era digital. No ciberespaço, que se tornou a ágora

¹ É importante destacar que as terminologias como idadismo, etarismo e velhismo ainda estão ausentes da linguagem corrente de muitos idiomas, o que dificulta a conscientização social e a formulação de estratégias de combate a nível global. O Relatório Mundial sobre o Idadismo de 2022 associa a incidência do idadismo a uma prática disseminada e insidiosa no cenário mundial, denunciando a falta de conhecimento sobre o tema por inúmeras sociedades (OPAS, 2022). *Relatório Mundial Sobre O Idadismo*, Washington, D.C., OPAS, -1, 2022. <https://iris.paho.org/handle/10665.2/55872>.

² Harding, S. (1993). A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. *Revista Estudos Feministas*, 1(1), 7–31. Florianópolis. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/15984/14483>.

contemporânea, ferramentas como Instagram e Facebook permitem que as pessoas exponham suas redes sociais e deem visibilidade a essas estruturas. Nas redes sociais, formam-se agrupamentos complexos, instituídos por meio de interações sociais mediadas por tecnologias digitais de comunicação (Recuero, 2009). Nessas plataformas, ideias, notícias e demandas políticas e sociais circulam, proporcionando um ambiente dinâmico e participativo, onde vozes diversas encontram espaço para expressar opiniões, mobilizar causas e construir novas narrativas sobre questões urgentes e emergentes da sociedade.

O envelhecimento compreendido como fenômeno heterogêneo, que se manifesta e se articula na interdependência de dimensões biológicas, funcionais, cronológicas, psicológicas, sociais e discursivas (Debert, 2002; Goldman, 2001; Bytheway, 1995), estimula pesquisas em diversos campos do saber. À luz das trilhas oferecidas pelas epistemologias dos Estudos da Comunicação e dos Estudos Feministas, entrelaçadas com as sensibilidades interseccionais do idadismo de gênero³, o presente artigo busca examinar como as práticas midiáticas, especialmente em perfis criados no Instagram, contribuem para a ressignificação do envelhecimento feminino na contemporaneidade. O tema é relevante para refinar e aprofundar a compreensão dos impactos das mídias de redes sociais, especialmente em contextos específicos, onde são oferecidos fluxos contínuos de informações. Esse fluxo orienta indivíduos e organizações para que reajustem suas práticas às condições contemporâneas, promovendo uma reflexividade progressiva na institucionalização da vida social (Hjarvard, 2014).

1. Em velha ser

O envelhecimento populacional é um fenômeno universal sem precedentes na história. Essa realidade é resultado da combinação de dois fatores principais: o declínio da taxa de fertilidade e a redução da mortalidade. A taxa global de fertilidade, por exemplo, caiu de 3,2 nascimentos por mulher em 1990 para 2,5 em 2019. Ao mesmo tempo, a expectativa de vida global aumentou de 64,2 anos em 1990 para 72,6 anos em 2019. Projeções da *The*

³ O idadismo de gênero significa que a vulnerabilidade e a marginalização das mulheres mais velhas são baseadas na interação entre idade e gênero, potencializando assim os processos e práticas de marginalização social. Krekula, C., Nikander, P. & Wilińska, M. (2018). Multiple marginalizations based on age: Gendered ageism and beyond. In L. Ayalon, & C. Tesch-Römer (Eds.), *Contemporary perspectives on ageism. International Perspectives on Aging*, vol 19. Springer, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-319-73820-8_3.

*United Nations Regional Information Center (UNRIC)*⁴ indicam que, até 2050, o número de pessoas com 80 anos ou mais triplicará, passando de 137 milhões, em 2017, para 425 milhões. Em regiões como o Norte da África, Ásia Ocidental, Ásia Central e do Sul, assim como na América Latina e Caribe, a proporção da população com 65 anos ou mais deverá dobrar até 2050. Na Europa e América do Norte, estima-se que, nesse mesmo período, uma em cada quatro pessoas alcançará os 65 anos.

Estudos recentes do Serviço de Estatística da União Europeia (Eurostat) mostram que a população italiana é a mais idosa de toda a Europa, com uma média etária de 47,6 anos, seguida pela Alemanha, com 45,9 anos, e Portugal, com 45,8 anos. Dentro do contexto europeu, a Itália se destaca por apresentar as mais altas taxas de longevidade com uma expressiva diferença de gênero: a expectativa de vida para os homens é de 80,6 anos, enquanto para as mulheres atinge 84,9⁵. As mulheres constituem a maioria da população idosa em todas as regiões do mundo, vivendo em média cinco a sete anos a mais que os homens (Nicodemo & Godoi, 2010). Essa maior longevidade faz com que elas representem a maioria quando se discute envelhecimento mundial⁶. A feminização da velhice consiste justamente nessa superioridade numérica de mulheres na população mais longeva (Arber & Ginn, 1991; Goldani, 1999). Esse fenômeno culmina em maiores desafios colocados diante do cotidiano das mulheres, que são expostas às prescrições sociais danosas de marcadores sociais de gênero e idade (Scott, 1995; Lerner, 2019; Debert, 2002).

Historicamente, a sexualidade feminina sempre esteve ligada à sua capacidade reprodutiva (Costa, 2002; Debert, 2013). Assim, à medida que a mulher envelhece ela é percebida como perdendo sua utilidade e atratividade social, num constante “processo humilhante de desqualificação sexual gradual” (Sontag, 1972, p. 102). Devido ao caráter corporificado da identidade feminina, a mulher idosa é frequentemente vista como decrépita, enquanto o homem grisalho é considerado charmoso (Wolf, 2022). A juventude

⁴ *The United Nations Regional Information Center for Western Europe (UNRIC)* está localizada em Bruxelas e presta serviços de informação a 22 países da Europa: Andorra, Alemanha, Bélgica, Chipre, Dinamarca, Espanha, Finlândia, França, Grécia, Irlanda, Islândia, Itália, Luxemburgo, Malta, Mônaco, Noruega, Países Baixos, Portugal, Reino Unido, Santa Sé, São Marino e Suécia.

⁵ <https://g1.globo.com/mundo/noticia/italia-e-o-segundo-pais-com-mais-idosos-no-mundo.ghtml>.

⁶ (World Health Organization, 2019: pp. 2–3). *World health statistics overview 2019: monitoring health for the SDGs, sustainable development goals*. WHO/DAD/2019.1. Licence: CC BY-NC-SA 3.0 IGO. <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/311696/WHO-DAD-2019.1-eng.pdf>.

feminina é exaltada como um ideal de beleza e estética devido ao idadismo profundamente enraizado em várias culturas, especialmente nas que são moldadas pela lógica do espetáculo e da imagem, como ocorre amplamente na América (Debord, 2003; Nelson, 2011). Este valor é perpetuado por uma combinação de mídia, publicidade e normas sociais, que associam a juventude a características desejáveis, como beleza, vitalidade e inovação. Como aponta Sibilia (2011, p. 83), “sinais de uma derrota na luta pela permanência do aspecto juvenil, as rugas são moralmente condenáveis devido à sua indecência: a velhice é um direito negado ou algo que deveria permanecer oculto, longe de ambicionar a tão cotada visibilidade”. Em quase todas as sociedades contemporâneas, a velhice é comumente tratada como um estado marginalizado, onde seus signos denotam decrepitude, em nítido contraste com a visibilidade e o valor amplamente atribuídos à juventude.

Neste contexto, é possível traçar diversas considerações sobre as dinâmicas de opressão comuns entre o idadismo e o sexismo; no entanto, um importante elemento os separa: o auto-ódio, ou o ódio a si próprio. Algumas pessoas mais velhas insistem em não se reconhecerem como tal pelo receio de serem alvos de reações negativas e estigma por parte dos outros indivíduos (Andrews, 1999; Goldfarb, 1998). A discriminação etária revela-se peculiarmente única porque atinge todas as pessoas: aquelas que no presente propagam o idadismo muito provavelmente serão vítimas do mesmo preconceito no futuro. É claro que o envelhecer masculino também sofre com as castrações sociais decorrentes do idadismo, mas as maiores opressões e violências recaem sobre o envelhecer feminino em razão de existirem sistemas sexistas desiguais (Debert, 2013).

2. Envelhecimento feminino e os feminismos

Nos anos 60 e 70, novos movimentos sociais ligados ao feminismo, ao poder negro, e às políticas lésbicas e *gays* emergiram em resposta às crescentes demandas por mudanças sociais. As ações feministas, em particular, transformaram a condição das mulheres em diversos países. Esses movimentos foram impulsionados pela crença no construtivismo social e pela convicção de que uma transformação social radical era possível, desde que direcionada para a promoção de uma maior igualdade coletiva (Jeffreys, 2005; Touraine, 2007). As mulheres ocidentais alcançaram direitos legais e reprodutivos, tiveram acesso à educação superior e inseriram-se no mundo dos negócios, desafiando antigas crenças

sobre seu papel social. Esses avanços foram, em grande parte, impulsionados pelos movimentos feministas das décadas de 1970, 1980 e 1990. No entanto, as teorias feministas muitas vezes negligenciaram o tema do envelhecimento, perpetuando lacunas importantes nas análises interseccionais que envolvem raça, classe, etnia e sexualidade. É justamente esta interseccionalidade que promove

uma ontologia mais rica do que abordagens que tentam reduzir as pessoas a uma categoria de cada vez, trata as posições sociais como relacionais e torna visível o posicionamento múltiplo que constitui a vida cotidiana e as relações de poder que são centrais para ela (Dhamoon, 2011, p. 230).

Embora a teoria crítica do envelhecimento tenha se inspirado em teorias feministas, o movimento contrário não ocorreu (Kruks, 2022). Na década de 1980, durante uma conferência da *National Women's Studies Association* (NWSA), Barbara Macdonald expressou seu descontentamento: “Abro as publicações feministas e não leio nem uma vez sobre qualquer grupo de mulheres mais jovens enfurecidas ou marchando ou organizando apoio legal por causa de qualquer coisa que aconteceu com uma velha” (MacDonald, 1986, p. 20)⁷.

É importante observar que, ao longo do tempo e da história, ocorreram desconstruções das representações socioculturais sobre o que significa “ser mulher”. No entanto, o tripé juventude-beleza-magreza, catalogando os corpos, manteve-se como eixo central na valorização da mulher. Paradoxalmente, à medida que o feminismo derrubou barreiras e as mulheres alcançaram novas conquistas em termos de igualdade, os ideais de beleza feminina tornaram-se ainda mais rígidos (Wolf, 2022). É fundamental resgatar as ações das mulheres ao longo da história sem ter medo de encarar certas constatações. Esse resgate não apenas busca corrigir as omissões dos feminismos passados, mas também visa descobrir novas formas de preencher os vazios deixados por essas lacunas, permitindo uma compreensão mais completa e inclusiva das lutas e conquistas das mulheres (Garcia, 2015). Os feminismos, como pensamentos em movimento e de caráter revolucionário, devem abraçar a pluralidade das experiências das mulheres, independentemente de território, classe social, cor, etnia, idade ou qualquer outro fator. As contínuas inquietações frente às coerções e violências do patriarcado e do androcentrismo alimentam o dever feminista, que resiste às formas dominantes de pensamento e autoconstrução. Esse

⁷ Tradução livre da autora.

processo de resistência e transformação está profundamente conectado à noção de subjetividade nômade, conforme foi proposto por Braidotti (2002). Advogando pelo pensamento feminista como uma teoria em constante formação, é possível criticar, questionar, reexaminar e explorar as novas possibilidades do envelhecer feminino, em qualquer tempo e lugar.

3. Feminismos nas redes

As práticas discursivas e os recursos semióticos nas redes virtuais têm atraído um número crescente de visualizações nos últimos anos, impulsionados pela maior democratização da Internet. As mídias exercem uma influência fundamental nos referenciais compartilhados pelas sociedades que utilizam o ciberespaço em suas atividades cotidianas (Gerbner et al., 1994), moldando, de forma direta ou indireta, os processos de constituição dos sujeitos e suas subjetividades. É também dentro dessa dinâmica participativa de interação via internet que circulam as práticas culturais, institucionais e sociais, construídas e transformadas por esses mesmos sujeitos. Com a ascensão do meio digital observa-se uma crescente presença do ativismo social e político⁸, nas redes *online* e *offline*, frequentemente voltado para a construção de novas perspectivas sobre as relações de gênero e a desconstrução de antigos paradigmas, como os que estão relacionados com o envelhecimento feminino, por exemplo. Em um panorama que abrange o analógico, o digital e a convergência midiática, novas formas de ser uma mulher mais velha e se reconhecer como tal estão se desenvolvendo na contemporaneidade. Esse contexto dinâmico permite que as mulheres redefinam suas identidades⁹, rompendo com estereótipos tradicionais, como abandono e solidão e explorando novas possibilidades de expressão. Os movimentos ciberfeministas¹⁰ em redes sociais na internet abrem novos

⁸ O ativismo digital (D. A.) refere-se ao ativismo político na internet ou a movimentos políticos que dependem dela (McCaughey & Ayers, 2003, p. 1).

⁹ A identidade é aqui compreendida como o ponto de encontro, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como sujeitos sociais dos discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar” (Hall, 2000, pp. 111–112). O sujeito é, a um só tempo, social e singular. O indivíduo, quando utiliza uma determinada ferramenta para se comunicar — por exemplo: o Instagram —, na verdade, está reivindicando certo tipo de identidade para ele mesmo (Jones & Hafner, 2012).

¹⁰ O termo “ciberfeminismo” refere-se a “feminismo cibernético”. O ciberfeminismo também pode ser visto como uma referência a atividades feministas que têm lugar *online* ou em vários ambientes eletrônicos imersivos (Paasonen, 2010, tradução da autora).

caminhos e perspectivas para a militância digital e para a ocupação das redes sociais.

As redes sociais digitais, como o Facebook e Instagram, entre outras, representam formas de Comunicação Mediada por Computador (CMC), concebidas e aprimoradas dentro do vasto e dinâmico universo do ciberespaço. As relações sociais são moldadas na CMC, “através das trocas de informação entre os indivíduos. Ela não é, portanto, apenas uma estrutura técnica de suporte à linguagem, mas, igualmente, um conjunto de ferramentas cujo sentido é construído pelos interagentes” (Recuero, 2012, p. 260). As tecnologias digitais têm o potencial de desafiar estruturas de poder e criar novas formas de agência para as mulheres. A aliança entre o feminismo e a internet — incluindo redes e mídias sociais — possibilitou que grupos de mulheres se organizassem de maneiras inovadoras, permitindo manifestações subversivas e promovendo uma pluralidade de identidades e expressões. As redes digitais continuam a desempenhar um papel fundamental nos ativismos, pois é nesse ambiente de troca e difusão de informações que as condições simbólicas e materiais impulsionam novas práticas ativistas (Castells, 2013). Importa considerar que as plataformas digitais viabilizam a adesão de um público mais amplo e simpatizante das ideias feministas, por meio de trocas coletivas e colaborativas, especialmente através de relatos em primeira pessoa. Esses relatos estimulam a luta das mulheres contra processos sistemáticos de preconceito e discriminação (Miguel et al., 2020; Oliveira-Cruz et al., 2022). Ao compartilhar suas experiências de vida, muitas mulheres incentivam e inspiram outras a revelar suas vozes. Desta forma, a mensagem pode significar muito mais do que uma mera exposição de opinião, agregando um sentido de compartilhamento, de ressignificação da realidade vivida. A mobilização de relatos pessoais é, portanto, um dos principais instrumentos políticos do feminismo em rede.

4. A tecnologia encorajando as mulheres velhas

Ao longo do século XX, novas categorizações discursivas emergiram para redefinir o processo de envelhecimento. Termos como “terceira idade”, “melhor idade”, “meia-idade” e “maturidade” — todos eufemismos — tentam suavizar a carga negativa tradicionalmente associada à figura da pessoa idosa. As palavras “velho” e “velha” passaram a ser vistas como deselegantes, desrespeitosas ou “politicamente incorretas”; o

paradoxo se “expressa no fato de que frequentemente as pessoas declaram uma idade mais avançada, mas não se admitem velhos [...], ou reconhecem velhice apenas nos outros. Claro, quem iria se reconhecer nos estereótipos negativos que circulam por toda parte?!” (Motta, 1997, p. 29). Essa rejeição é tão marcante que afeta os próprios indivíduos longevos, que, não se identificando com esses rótulos, falam da velhice como se estivessem distantes dela, numa atitude performática de autodefesa.

Nas últimas décadas, o crescimento das redes sociais digitais proporcionou o surgimento de influenciadoras¹¹ digitais mais velhas, revelando que com a presença digital inovadora e autêntica é possível desafiar as noções tradicionais da velhice e seus estereótipos. Ao compartilhar suas histórias e perspectivas, elas ajudam a criar um espaço onde a idade não é vista como uma limitação, mas como uma fonte de sabedoria e experiência. As mídias não são meramente uma expressão do poder, mas sim o espaço onde o poder é disputado e negociado — um espaço que, por sua própria natureza, nunca é neutro. Nesse sentido, o espaço da comunicação é um território dinâmico de disputa, onde atores individuais, coletivos e institucionais interagem para moldar a opinião pública, legitimar valores e reforçar ou desafiar estruturas de poder estabelecidas (Castells, 2015)¹². Os ambientes digitais se configuram como importantes ambientes de pesquisa, sobretudo para perceber subjetividades — mapeamentos exploratórios — entre os conteúdos compartilhados. No Instagram, por exemplo, a experiência é quase imediatamente compartilhada por meio de imagens, sons, vídeos ou textos, que se tornam os elementos visuais de comunicação.

Fundado no Brasil em 2018 por três amigas nascidas no estado de São Paulo — Helena Wiechmann (94 anos), Sônia Massara (85 anos) e Gilda Bandeira de Mello (81 anos) — o perfil do Instagram @avosdarazao conta, atualmente, com cerca de 250 mil seguidores. O perfil ultrapassou as fronteiras virtuais na luta contra o idadismo, e seu sucesso resultou no lançamento do livro *Avós da Razão — Quebrando a cristaleira!* em 2023. A obra reúne temas como envelhecimento, sexualidade, feminismo, amor, humor, amizade, entre

¹¹ Influenciadores são aqueles que exercem algum poder no processo de decisão de compra de um sujeito; que têm o poder de colocar discussões em circulação; o poder de influenciar em decisões em relação ao estilo de vida, gostos e bens culturais daqueles que estão em sua rede (Karhawi, 2017, p. 48).

¹² <https://ihu.unisinos.br/categorias/169-noticias-2015/547804-castells-as-grandes-mudancas- apenas-comecaram>.

outros. Tanto no livro quanto na rede social, elas se afirmam como mulheres velhas e encorajam suas seguidoras a fazer o mesmo, numa clara militância contra o idadismo. A estratégia de construir uma comunidade fundamentada em interesses convergentes utiliza discursos midiáticos para ressignificar o envelhecimento feminino, especialmente em relação aos estereótipos e expectativas ageístas. Dessa forma, as narrativas compartilhadas pelas criadoras do perfil social sobre suas experiências de vida, tanto passadas quanto presentes, visam desafiar as normas comportamentais estabelecidas pelo idadismo. Para compreender como as dinâmicas de circulação de comunicações nas redes sociais digitais podem influenciar a realidade e moldar os espaços públicos e privados, é pertinente recorrer às pistas de investigação propostas por Moita Lopes (2022). De acordo com o autor, “as escolhas linguísticas, paralinguísticas e discursivas dos interlocutores contribuem para definir os posicionamentos adotados, assim como para formar tipos de pessoas identificáveis por características generificadas” (Moita Lopes, 2022, p. 56).

Conclusão

A partir dos avanços tecnológicos, especialmente no ciberespaço, emergiram novas possibilidades para a representação do envelhecimento feminino sob uma perspectiva feminista. As plataformas de redes sociais, como o Instagram, tornaram-se espaços essenciais para que mulheres mais velhas desafiem estereótipos tradicionais, compartilhem suas experiências e se posicionem politicamente. Elas promovem narrativas que valorizam a diversidade do envelhecimento e reivindicam uma visibilidade mais inclusiva e positiva. Essas novas representações possibilitam um diálogo aberto e diverso sobre o envelhecimento, fortalecendo a agência feminina e ampliando o alcance de vozes historicamente silenciadas. Nesse sentido, o ciberespaço não apenas facilita a disseminação dessas histórias, mas também se transforma em um espaço de resistência e empoderamento, onde o envelhecer deve ser celebrado como um processo dinâmico e multifacetado, livre das amarras dos preconceitos etários e de gênero.

Concebendo o conhecimento como uma construção social (perspectiva socioconstrucionista) que provém de práticas sociais dos indivíduos, perceber os conteúdos presentes na rede social @avosdarazao permite uma compreensão mais complexa e dialógica da realidade do envelhecer feminino na contemporaneidade

(Mazzucchelli et al., 2021). Seguindo essa linha de pensamento, é relevante observar os potenciais efeitos que um texto postado no Instagram pode gerar, tanto para seus enunciadorees quanto para seus destinatários. Isso inclui as dinâmicas das interações dialógicas, marcadas pela interdependência entre discurso e contexto (Linell, 2003), bem como os impactos que os recursos semióticos empregados nos processos comunicativos podem ter sobre a construção de valores e significados (Blommaert, 2019).

REFERÊNCIAS

- Andrews, M. (1999) 'The Seduction of Agelessness' *Ageing & Society* 19(3) 301-318. <http://dx.doi.org/10.1017/S0144686X99007369>
- Arber, S. e Ginn, J. (1991). *Gender and later life: a sociological analysis of resources and constraints*. London: Sage
- Bytheway, B. (1995). *Ageism* Buckingham: Open University Press.
- Blommaert, J. (2019). *Political discourses in post-digital societies*. <https://www.researchgate.net/publication/337890116>.
- Braidotti, R. (1996). Cyberfeminism with a difference. In M. A. Peters, M. Olssen & C. Lankshear (Eds.), *Futures of critical theory* (pp. 239–260). Rowman and Littlefield.
- Butler, R. N. (1969). Age-Ism: another form of bigotry. *The Gerontologist*, [S.L.], 9(41), 243–246. Oxford University Press (OUP). http://dx.doi.org/10.1093/geront/9.4_part_1.243. https://www.romolocapuano.com/wp-content/uploads/2017/03/Butler_Age-ism.pdf.
- Calasanti, T. (2003). Theorizing age relations. In S. Biggs, A. Lowenstein & J. Hendricks (Eds.), *The need for theory: Critical approaches to social gerontology for the 21st century* (pp. 199–218). Baywood.
- Collins, P. H. & Bilge S. (2020). *Interseccionalidade* (1.^a Ed.). Tradução de Rane Souza. Boitempo. http://www.ser.puc-rio.br/2_COLLINS.pdf.
- Costa, S. G. (2002). Proteção social, maternidade transferida e lutas pela saúde reprodutiva. *Revista Estudos Feministas*, (2), 301–323. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2002000200003/8834>.
- Debert, G. G. (2003). Antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: Barros, Myriam Moraes Lins de. *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV.p. 49-67
- _____ (2013). Feminismo e velhice. Dossiê: Velhice, família, Estado e propostas políticas. *Sinais Sociais*, 8(22), 9–86.
- Debord, G. (2003). *A sociedade do espetáculo*. <https://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socespetaculo.pdf>.
- Dhamoon, R. K. (2011). Considerations on mainstreaming intersectionality. *Political Research Quarterly*, 64(1), 230–243. <https://doi.org/10.1177/1065912910379227>.
- Goldani, A. M. (1999). Mulheres e envelhecimento: desafios para novos contratos intergeracionais e de gênero. In: Camarano, A. A. (Org.). *Muito além dos 60 os novos idosos brasileiros*. Rio de Janeiro: IPEA. p. 75-113.
- Goldfarb, D. C. (1998). *Corpo, tempo e envelhecimento*. Casa do Psicólogo.
- Hjarvard, S. (2014). Mídiação: conceituando a mudança social e cultural. *Revista Matrizes*, 8(1), 21–44
- Karhawi, I. S. (2018). Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão. In L. Ayalon & C. Tesch-Römer (Eds.), *Contemporary perspectives on ageism*. Anais do XI ABRAPCORP, 2017. Springer. <https://doi.org/10.1007/978-3-319-73820-8>.
- Krekula, C., Nikander, P. & Wilińska, M. (2018). *Marginalizações múltiplas com base na idade: idadeísmo de gênero e além*. In L. Ayalon & C. Tesch-Römer (Eds.), *Perspectivas contemporâneas sobre idadeísmo. Perspectivas internacionais sobre envelhecimento*, vol. 19. Springer, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-319-73820-8_3.

- Kruks, S. (2022). Alterity and intersectionality: Reflections on old age in the time of COVID-19. *Hypatia*, 37(1), 196–209. doi:10.1017/hyp.2021.84. [ambridge.org/core/journals/hypatia/article/alterity-and-intersectionality-reflections-on-old-age-in-the-time-of-covid19/4108B05047F439003DB43FBC322C36](https://www.cambridge.org/core/journals/hypatia/article/alterity-and-intersectionality-reflections-on-old-age-in-the-time-of-covid19/4108B05047F439003DB43FBC322C36).
- Lerner, G. (2019). *A Criação do Patriarcado: História da opressão das mulheres pelos homens*. Tradução Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix.
- Levy, P. (1999). *Cibercultura*. Editora 34.
- Linell, P. (2003). What is dialogism. Aspects and elements of a dialogical approach to language, communication and cognition. Linköping University. <https://cspeech.ucd.ie/Fred/docs/Linell.pdf>.
- Lima, A. & Viegas, S. (1988). A diversidade cultural do envelhecimento: a construção social da categoria de velhice. *Psicologia*, VI (2), 149–158. <https://revista.appsicologia.org/index.php/rpsicologia/article/view/795/517>.
- MacDonald, B. (1986). Fora da irmandade: Ageism em estudos de mulheres. Em *Mulheres e envelhecimento*, ed. Alexander, Jo et al. Corvallis, Oregon: Calyx Books.
- Mazzucchelli, N., Reyes-Espejo, M. I. & Íñiguez-Rueda, L. I. (2021). Bordando narrativas de resistencia: Prácticas y experiencias de mujeres mayores activistas. *Polis Revista Latinoamericana*, 60. <http://journals.openedition.org/polis/20680>.
- McCaughey, M. & Ayers, M. D. (Eds.). (2003). *Cyberactivism — Online activism in theory and practice*. Routledge.
- Moita Lopes, L. P da M., Gonzales, C. R., Melo, G., Valim, C. & Guimarães, T. F. (2022). Estudos queer em linguística aplicada indisciplinar: gênero, sexualidade, raça e classe social. *Parábola*.
- Motta, A.B. (1997). Palavras e convivência: idosos, hoje. *Estudos Feministas*, 5(1), 129–139.
- Nelson, T. D. (2011). Ageism. The strange case of prejudice against the older you. In R. L. Weiner & S. L. Willborn (Eds.), *Disability and aging discriminations. Perspectives in Law and Psychology* (pp. 37–47). Springer.
- Nicodemo, D., Godoi, M. P. (2010). Juventude dos anos 60-70 e envelhecimento: estudo de casos sobre feminização e direitos de mulheres idosas. *Revista Ciência em Extensão*, v. 6, nº 1, http://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/324/341.
- Paasonen, S. (2010). From cybernation to feminization: Firestone and cyberfeminism. In M. Merck & S. Sandford (Eds.), *Further adventures of The dialectic of sex: Critical essays on Shulamith Firestone*. Palgrave Macmillan. <https://www.perlego.com/book/3479050/further-adventures-of-the-dialectic-of-sex-critical-essays-on-shulamith-firestone-pdf>.
- Recuero, R. (2009). *Redes sociais na internet*. Sulina, (Coleção Cibercultura).
- _____ (2012). A conversação como apropriação na comunicação mediada pelo computador. In D. S. Buitoni & R. Chiachiri (Eds.), *Comunicação, cultura de rede e jornalismo* (1.ª ed.). Almedina.
- Santaella, L. (2001). Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado. Ed. Hacker. <https://bibliotextos.files.wordpress.com/2012/03/comunicac3a7c3a3o-e-pesquisa-santaella.pdf>
- Scott, J.W. (1995). “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, p. 71-99. https://archive.org/details/scott_gender
- Sibilia, P. (2011). A moral da pele lisa e a censura midiática da velhice: o corpo velho como uma imagem com falhas. In: Goldenberg, M. (Ed.) *Corpo, envelhecimento e felicidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

- Sontag, S. (1972). The double standard of aging. *The Saturday Review*, 23, 29–38.
- Sousa, N. F. da S., Lima, M. G., Cesar, C. L. G. & Barros, M. B. de A. (2018). Envelhecimento ativo: prevalência e diferenças de gênero e idade em estudo de base populacional. *Cadernos de Saúde Pública*, 34(11), e00173317. <https://doi.org/10.1590/0102-311x00173317>.
- Wolf, N. (2022) O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Tradução Waldéa Barceloos. 18ª edição – Rio de Janeiro; Rosa dos Tempos